

(tradução livre)

Mulheres E Crime Do Colarinho Branco: Entrevista para a Revista Científica do CPJM

Mary Dodge¹



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

1. Os estudiosos afirmam que os crimes (em geral) são cometidos predominantemente por homens. Como se manifesta esta diferença ou contraste no crime de colarinho branco (*White-Collar Crime - WCC*)? É semelhante ao crime tradicional (*street crime*), ou teria certas peculiaridades?

Tal como o *street crime*, a investigação mostra que os homens, em comparação com as mulheres, são mais propensos a cometer crimes de colarinho branco, especialmente quando o infrator está a cometer um delito empresarial. Crimes de elite de alto nível, tais como abuso de informação privilegiada, fixação de preços, fraude e violação de regulamentos, são cometidos por homens bem sucedidos que se aproveitam das suas posições profissionais para se envolverem em atos ilegais e talvez imorais. A maioria das explicações teóricas sobre o crime têm tentado e falhado em explicar completamente por que os homens cometem mais crimes em todo o espectro. As explicações de crimes de colarinho branco centram-se no domínio masculino em empresas criminosas empresariais e profissionais. Em geral, as teorias relacionadas com a razão pela qual os homens cometem níveis mais elevados de crime são complicadas por questões de definição (o que é crime de colarinho branco?) e perspectivas opostas (quem comete crime de colarinho branco?). No entanto, algumas tendências únicas mostram diferenças no gênero e atividades criminosas. As mulheres, por exemplo, são mais susceptíveis de se envolverem em crimes de nível inferior, tais como a prostituição, o *check-kiting*, o furto em lojas, e o desvio de fundos. Enquanto os homens, como anteriormente mencionado, cometem mais crimes de rua violentos e se envolvem em crimes mais organizados

¹ PhD, Professora de Justiça Criminal na Escola de Assuntos Públicos da Universidade do Colorado, Denver – EUA.

e de colarinho branco. Pesquisas extensas também mostram que as motivações para cometer crimes de colarinho branco diferem por gênero. Diz-se que as mulheres se envolvem em crimes para ajudar a família e amigos. Em contraste, os homens procuram ganhos materiais e status.

A ocupação é a chave para compreender e explorar a criminalidade de colarinho branco. Muitos estudos concentram-se nos infratores e na forma como estes tiram partido da sua situação profissional para se envolverem em delitos. Ou seja, quem comete crimes de colarinho branco? A maioria dos delinquentes de colarinho branco são homens brancos mais velhos em posições de poder. A determinação da diferença no comportamento de gênero é mais complicada se a ênfase for colocada no delito. Ou seja, que tipos de comportamento constituem crime de colarinho branco? Defendo que a inclusão do desvio de fundos como crime de colarinho branco oferece pelo menos uma exceção à regra de que os homens cometem mais crimes do que as mulheres.

Nos Estados Unidos, vemos quase tantas ou mais mulheres serem presas por desvio de fundos com base no Relatório de Crimes Uniformes do FBI (*FBI's Uniform Crime Report*). Na realidade, este exemplo ilustra uma das questões problemáticas neste contexto. Muitos estudiosos argumentam que crimes profissionais de baixo nível, tais como roubo, fraude, ou desfalque, saem do domínio do crime de colarinho branco. Os crimes de mulheres desviantes, contudo, envolvem frequentemente milhões de dólares e podem resultar na vitimização generalizada de empresas, empregados e proprietários. Consequentemente, tenho dificuldade em classificar o desvio de fundos como fraude de baixo nível. A confusão aqui é obter uma base de dados adequada que pode lançar luz sobre questões importantes relacionadas com o gênero - muitas das quais permanecem sem resposta, apesar de um aumento na investigação ao longo da última década. A maioria das questões relacionadas com o gênero e a criminalidade de colarinho branco reflete os esforços das primeiras criminólogas feministas para explicar o envolvimento das mulheres em outros tipos de crime. Por outras palavras, o que constitui exatamente um crime de colarinho branco? Como explicar a diferença entre os sexos? Por que é que há menos mulheres envolvidas em crimes profissionais e empresariais? As atuais explicações teóricas são aplicáveis às mulheres e aos crimes de colarinho branco?

2. De que forma é que as dificuldades de acesso das mulheres a empregos de alto nível, em empresas ou em certas profissões, uma característica ainda presente na maioria das sociedades, têm alguma relação com a sub-representação das mulheres no WCC?

Creio que a oportunidade é um elemento essencial para explicar quem comete crimes de colarinho branco. Na maioria dos países, as mulheres trabalham em profissões que não são propícias à prática de crimes de elite. O status e a posição também estão intrinsecamente ligados a delitos de alto nível. Nos EUA, estamos a assistir a um aumento de mulheres em posições profissionais como advogada, médica, política, ou executiva empresarial, no entanto, os números continuam a ser baixos. Em 2022, menos de 10% dos diretores executivos da Fortune 500 (CEOs) eram mulheres. As mulheres estão longe de atingir a paridade no mundo empresarial. Uma pesquisa realizada por Darrell Steffensmeier e colegas, em 2013, descobriu que as mulheres raramente estavam envolvidas em grupos de conspiração e quando parte das fraudes empresariais ganhavam menos dinheiro. O estudo apoia a noção de que os casos de mulheres de alto poder que cometem crimes empresariais são atípicos. Enquanto Martha Stewart e Elizabeth Holmes receberam uma enorme atenção, incluindo livros, documentários, feitos para filmes televisivos, e cobertura noticiosa, as suas posições e comportamentos criminosos são raros para as mulheres. Um estudo de pesquisa mostrou que Martha Stewart recebeu muito mais cobertura da imprensa em jornais de Nova Iorque do que Kenneth Lay da Enron. Também se pode notar que o que Kenneth Lay, ao contrário de Martha Stewart, estava a vestir e o designer da sua bolsa nunca foram publicados nos jornais. Que tal isso para uma sensação de ironia? Elizabeth Holmes provavelmente usou o seu gênero para influenciar o resultado do julgamento e da sentença (ou seja, casamento, família, gravidez, aparência).

3. Independentemente do *glass ceiling*, existem outros fatores que explicam esta sub-representação das mulheres, especialmente nas grandes fraudes e/ou nos esquemas de corrupção?

Vários fatores podem influenciar as nossas atitudes e perspectivas das mulheres e da criminalidade de colarinho branco. Em primeiro lugar, os estereótipos continuam intactos. Muitas pessoas e culturas ainda acreditam que as mulheres pertencem à esfera privada,

permitindo que os patriarcas e a hipermasculinidade determinem o papel "próprio" das mulheres. Nos EUA, a legislação de proteção e as decisões arbitrárias dos tribunais que derrubam casos marcantes colocam as mulheres em desvantagem distinta na esfera pública e em mais estereótipos. Noutras partes do mundo, muitos dos direitos e oportunidades oferecidas às mulheres americanas são inexistentes. Segundo, e intimamente relacionado com estereótipos persistentes, é a rotulagem e os erros de escrita desviantes que atormentam alguns esforços para ir além da percepção de que as mulheres são de alguma forma "menos do que" os homens estão meramente "a fazer o género". Ambos os conceitos estão impregnados de uma hierarquia masculina. Além disso, as cores do trabalho e títulos criminosos como o azul, rosa e vermelho podem involuntariamente atribuir rótulos que diminuem os esforços de investigação em crimes de colarinho branco. Finalmente, o debate sobre as diferenças éticas e morais na tomada de decisões entre homens e mulheres sugere que as mulheres são diferentes e primam por fazer escolhas mais éticas. Em geral, tento manter alguma perspectiva sobre o ingrediente chave para compreender melhor o género e o crime com base numa conversa com Fred Adler, um conhecido estudioso feminista. Freda observou que o género era uma variável muito menos importante porque, no fim de contas, somos todos humanos.

4. Na sua opinião, que fator seria mais predominante para a sub-representação das mulheres no CMI: a falta de acesso a cargos superiores (teto de vidro) ou a segregação em redes informais masculinas (rede de velhos rapazes) que existem dentro das grandes corporações?

Esta é uma questão complicada que deveria ter uma resposta relativamente imediata. E eu gostaria que houvesse uma resposta fácil. Infelizmente, a falta de dados e investigação subsequente impede-nos de determinar quaisquer correlações ou potenciais relações causais. Saber se a divisão entre acesso e aceitação é igual, ou se uma tem mais impacto, ou quantas outras variáveis podem desempenhar um papel no baixo número de mulheres envolvidas no crime empresarial ainda tem de ser determinada. Nos EUA, o estilhaçamento do teto de vidro não conseguiu eliminar todas as barreiras que as mulheres enfrentam no local de trabalho. Estes obstáculos são ainda mais generalizados e aparentes quando o género, a raça, a etnia, e o estatuto socioeconómico se cruzam.

Como referi anteriormente, o acesso representa uma parte do problema. Os homens ainda controlam as arenas empresariais e políticas, o que deixa poucas oportunidades para as mulheres. Considere o seguinte exemplo de crime profissional. Por um lado, podemos especular que alguns crimes profissionais de colarinho branco, como a fraude médica, são de igual oportunidade, embora em 2022, o número estimado de mulheres médicas praticantes nos EUA fosse substancialmente mais baixo em comparação com os homens. Esta circunstância poderia sugerir que a falta de oportunidades e de participação poderia ser responsável pelas diferenças de gênero. Por outro lado, as médicas ganham menos dinheiro, o que pode resultar em níveis mais elevados de criminalidade de colarinho branco enquanto continuam a trabalhar como "outsiders" e tentam reduzir problemas financeiros ou níveis elevados de stress/esforço. Nestas circunstâncias, seria de esperar níveis mais elevados de envolvimento feminino. O mesmo argumento pode aplicar-se às mulheres na profissão jurídica. Atualmente, é impossível saber como e porquê as mulheres estão envolvidas em crimes de colarinho branco porque a "figura oculta do crime" (ou seja, incidentes não denunciados), o tratamento das mulheres no sistema de justiça criminal (por exemplo, a hipótese de cavalheirismo ou de mulheres más), e a falta de dados.

5. No âmbito da investigação sobre o WCC, pode afirmar-se que as mulheres seriam "mais respeitadoras da lei", "mais honestas" ou "mais éticas" do que os homens, ou esta suposição dependeria de mais provas científicas ou investigação?

Como mencionei, precisamos de investigação adicional antes de rotular as mulheres como mais honestas ou éticas. De fato, a investigação mais antiga, como os estudos de Kohlberg e Gilligan, pode não explicar o desenvolvimento moral no século XXI, dado o rápido crescimento tecnológico e as mudanças sociológicas.

6. No seu estudo "*Gender Constructions*" (*The Oxford Handbook of White-Collar Crime*, 2016), há as seguintes passagens: "Os estereótipos de gênero no local de trabalho ligados à criminalidade de colarinho branco podem limitar a oportunidade de uma mulher cometer tais crimes porque "os homens não gostam de ter mulheres como parceiras no crime" (...) "A exclusão das mulheres em tais crimes de alto nível pode não

ser mais do que o sexismo masculino traduzido nos escalões superiores das empresas" (...) "Os homens normalmente estabelecem laços pessoais estreitos no escritório..." (pp. 204-205).

Será que estas declarações ainda são válidas, mesmo depois das transformações provocadas pela Pandemia de Covid-19, que impôs a necessidade de mudar o local de trabalho dos escritórios para o ambiente doméstico?

A marginalização das mulheres no local de trabalho pode ser exacerbada após a pandemia de Covid-19. As mudanças nas estruturas sociais e laborais deram a mais mulheres a oportunidade de "*opt-out*" ou trabalhar sem ser vista, em casa. Antes da pandemia, nos EUA, assistimos a um maior número de mulheres a abandonar o stress e a confusão do local de trabalho, o que pode resultar em menos incidentes de crimes de colarinho branco e aumento da criminalidade cibernética. Além disso, trabalhar a partir de casa pode relegar as mulheres para posições de influência doméstica em vez de participantes de alto rendimento na força de trabalho.

As mulheres, contudo, questionarão a sabedoria dos executivos das empresas que decidam cortar a força de trabalho com base no gênero. A eliminação de mais mulheres da força de trabalho pode resultar em maiores incidentes de crimes de colarinho branco por parte dos homens. As oportunidades para as mulheres estão mudando tanto de forma positiva como negativa. Elon Musk, o novo dono do *Twitter*, é um exemplo das mudanças que podemos esperar. Atualmente, entre outras questões problemáticas, o Musk está a ser processado por discriminação de gênero. A disparidade de gênero nos seus demitidos de emprego mostra que 57% das trabalhadoras perderam os seus empregos em comparação com menos de 1/2 dos empregados do sexo masculino. De fato, as demissões para engenheiros resultaram no que parecia ser desigualdades mais dramáticas (63% das mulheres perderam os seus empregos em comparação com 48% dos homens). Embora *Twitter* e Musk possam não representar uma empresa "típica", a mensagem subjacente de que os homens, apesar dos maus comportamentos, são mais valorizados, é clara.

7. No Brasil, como na maioria dos países da América Latina, os criminólogos têm pouco interesse no WCC em geral e, especialmente, nas investigações de gênero sobre este

tema. Pode-se dizer que, apesar de ser uma das maiores economias globais, no Brasil não existem estudos científicos sobre o assunto na comunidade acadêmica e científica. Na sua opinião, quais são as possíveis razões para esta falta de interesse? Que sugestões nos pode dar para alterar este quadro, que eu considero "desolador"?

O crime de colarinho branco é uma área difícil de especialização no meio acadêmico, o que limita o seu apelo aos estudiosos. A identificação de um subcampo para uma determinada carreira é difícil e as escolhas relacionadas com o trabalho escolar de licenciatura podem ser difíceis para um jovem estudioso que tenha outros interesses, tais como a criminalidade de colarinho branco. Além disso, a aquisição de dados sobre crimes de colarinho branco é um desafio que é quase impossível de ultrapassar em certos casos. Conseqüentemente, a falta de fontes de dados pode conduzir a um curso de estudo desde a fraude farmacêutica à vitimização médica, por exemplo, e, em última análise, atrasar os esforços de publicação. A investigação em crimes de colarinho branco envolve frequentemente trabalho qualitativo. Em alguns casos, o valor da investigação qualitativa é colocado abaixo dos esforços quantitativos ou dos métodos mistos. A pressão sobre os jovens estudiosos para publicarem requer mentores fortes que tenham uma paixão pelo estudo da criminalidade de colarinho branco. Qualitativa, sem dúvida, é mais difícil de publicar em revistas de grande tiragem.

Quando publiquei o livro sobre mulheres e crimes de colarinho branco em 2009, os dados eram escassos ou inexistentes. O meu mentor Gilbert Geis observou que escrever tal livro era uma ideia bastante ruim. Tinha acabado de terminar um estudo de caso aprofundado com Gil sobre médicos de fertilidade na Universidade da Califórnia, Irvine, que alegadamente abusaram de ovos humanos. Como passo seguinte, interessei-me pelas diferenças de gênero e descobri que a falta de atenção sobre o envolvimento das mulheres no crime de colarinho branco impulsionou a escola predominante de pensamento de que o comportamento criminoso em homens e mulheres é diferente. Fiquei intrigado com a hipótese de que as mulheres eram menos propensas a cometer crimes de colarinho branco e mais propensas a serem vitimizadas. No livro, baseei-me principalmente em casos anedóticos para apoiar os meus argumentos. Na época, a investigação de Kathleen Daly de 1989 continuou a destacar-se como o artigo definitivo sobre o gênero e o crime de colarinho branco/rosa. Embora reconhecidamente o livro fosse medíocre, as reações foram tremendas. Sim, os estudiosos começaram a examinar as

mulheres e os crimes de colarinho branco se por nada mais demonstrassem como os estudos de caso são incapazes de fornecer um quadro completo. Sem a influência do meu mentor, apesar da sua relutância em admitir que o meu livro era bom, suspeito que as minhas áreas de estudo teriam sido bastante diferentes.

Em suma, as universidades devem estabelecer programas fortes e contratar professores especializados em crimes de colarinho branco para alimentar os futuros estudiosos. Muitos dos mais famosos estudiosos da criminalidade de colarinho branco estão em universidades nos EUA e na Austrália (por exemplo, John Braithwaite, Sally Simpson, Henry Pontell, Michael Benson, e David Friedrichs). Todos eles ajudaram a promover o estudo do desvio de elite, trabalhando e publicando com os seus estudantes. Atualmente, um exemplo da importância da tutoria é a Professora Rita Faria, que está ensinando crimes de colarinho branco a estudantes em Portugal, alguns dos quais são do Brasil. Estes estudantes têm desenvolvido trabalhos de investigação que irão captar a atenção de muitos acadêmicos. O trabalho de acadêmicos respeitados em todo o mundo é inspirador para uma nova geração que começará a responder às muitas questões levantadas no nosso trabalho atual e incompleto. Apesar da minha relutância em admitir esta ideia, parece que o Zoom nos aproximou de formas estranhas. O aumento de webinars e conferências internacionais abre numerosas portas para a colaboração e educação que, por sua vez, resultarão em mais estudiosos a empreender a difícil tarefa de estudar a criminalidade de colarinho branco.